



Beira revisitada

Visitei a cidade da Beira há duas semanas, após exactos três anos de jejum. Durante esse período todo, muito naturalmente consumi variada, volumosa e regular informação sobre a sua evolução, os seus problemas e realizações, da mesma forma que sobre a província de que é capital, a de Sofala. Deste conjunto de informações, frequentemente coloridas e avivadas pelo relato dos que de lá chegam, fui lentamente formando o quadro de uma cidade empenhada num esforço gigantesco para vencer a modorra e indiferença — diria mesmo a morte antecipada — a que se encontrava abandonada, aparentemente sem saída.

Todas as cidades do país têm as suas mágoas, mas sempre me pareceu que Beira bem podia ser eleita a mártir por excelência: em 1985, quando lá estive em Agosto a caminho do Chimoio, tudo falava de desolação, uma resignação ao fatal destino que se instalava nas pessoas, instilando-se nas mais pequenas partículas do ser colectivo: os prédios e aquelas belas casas térreas de construção de fins do século passado — perdoem-me os historiadores se a localização no tempo não for a mais cor-

recta — destilavam um grau de degradação inqualificável, a braços com a fumarada dos fogareiros a carvão próprios de uma cidade sem energia o tempo todo, a fumarada dos geradores daqueles que tinham a possibilidade de os ter, as escadas perenemente ensopadas de água, da água que não jorrava das canalizações mas ia pingando das latas com que as donas de casa iam buscá-la sabendo-se lá aonde para trepar com ela escadas acima, os hotéis onde se tinha de jantar às dezoito horas — tanto melhor — porque a luz obrigava a uma ginástica complicada, as fábricas transformadas à força em monstros inertes e silenciosos onde os operários deambulavam cabisbaixos, de mãos nos bolsos, evitando conversas que de antemão sabiam ter que ser amargas, quando travadas com os colegas.

Bem entendido, não estou para dizer que tudo isto mudou, nestes curtos três anos, Mas dêem-me tempo.

O que registei desta última ida foi, na verdade, uma mudança mais profunda, de implicações cuja verdadeira dimensão só o tempo poderá permitir avaliar. Esta mudança está na cara das pessoas, a das com quem falei em 1985 e voltei a encontrar agora, mesmo na do cidadão anónimo, do jornalista sedado naquela região, do estudante, do maputense para ali transferido e esquecido pelo Director Nacional dos Recursos Humanos da sua empresa: há mais confiança, olha-se para a vida como ela deve ser olhada — com predisposição para a luta, com a esperança de que o dia de amanhã

será necessariamente melhor que o de hoje.

Encontrava-me eu a acompanhar dois jornalistas guineenses radicados em Portugal, onde editam e são proprietários de várias revistas de especialidade diversa: após entrevista ao Director do «Corredor da Beira», visita à terminal dos CFM e ao Porto, o seu ponto de vista estava firmado: «você têm um grande país», repetiam. E a verdade, bem dita, é que muitos dos aspectos de degradação que fizeram a época da Beira até aos últimos 2 anos ainda lá estão. Mas a atitude perante as dificuldades, repito, é outra.

Na Beira constrói-se a ritmos acelerados. Ao longo do caminho do aeroporto muitas foram as paragens que fizemos para fotografar grupos de camponeses curvados sobre a terra, fecundando-a. Muitas foram as unidades artesanais que surpreendemos, trabalhando com seriedade (é o mínimo que se pode dizer). No bazar, as bancas abarrotavam de tomate, cebola e outras verduras da época.

Beira renasce, diria eu, e com muito dinamismo. Como que para ir à caça da juventude perdida. Falando de juventude, lembro-me que ainda pudemos ver jovens casais curtindo as últimas do disco internacional no andar térreo do Hotel Embaixador. Este mesmo hotel onde há três anos atrás arranjar um copo de água fresca à refeição era pouco menos que um milagre.

São pormenores. Mas é no pormenor, não raro, que está a compreensão da vida. □